



Ciclos de renovação recorrentes na história das concessivas em português

Recurrent renewal cycles in the history of concessive constructions in Portuguese

Sanderléia Roberta LONGHIN^{**}

Camila Neres da CRUZ^{**}

RESUMO: Neste artigo, abordamos aspectos da formação de conectores de concessividade na história do português. O interesse em torno do sistema de concessividade se justifica por tratar-se de uma relação de significado historicamente instável nas línguas, com contínuas renovações de seus meios de expressão. Investigamos processos de gramaticalização que deram origem a conectores concessivos em diferentes fases do português, com atenção particular à semântica da fonte e ao papel da inferenciação contextual. A questão central que norteia o trabalho é a recorrência em português de padrões de formação de conectores concessivos que remontam ao latim e que apontam para a existência de desenvolvimentos cíclicos, de natureza semântico-pragmática. A ciclicidade se revela em padrões evolutivos que se repetem, em diferentes intervalos temporais, em uma ou mais línguas geneticamente relacionadas (Hansen, 2018, 2020). Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Gramaticalização (Bybee, 2010, 2015; Narrog; Heine, 2021), em estudos sobre gramaticalização de concessivas em latim (Martín Puente, 1998; Spevak, 2005), e em *corpora* diacrônicos do português, o propósito específico deste trabalho é descrever processos de mudança que, tomados conjuntamente, parecem se conformar a ciclos onomasiológicos, que perpassam as histórias do latim e do português. Dois ciclos semântico-pragmáticos estarão em discussão: um fundado no assentimento, em que analisamos em perspectiva semasiológica os processos de evolução de *licet*, do latim tardio, e de *(se) bem que* e *embora*, do português clássico e moderno, e o outro é fundado na escalaridade, em que analisamos também em perspectiva semasiológica os processos de evolução de *etiam si*, do latim clássico, e *mesmo se*, do português moderno. Para ambos os ciclos, os resultados indicam que fontes semânticas similares, mas etimologicamente distintas, aliadas a traços contextuais específicos, favoreceram inferências de tipos similares que, por sua vez, habilitaram a interpretação concessiva e, posteriormente, se convencionalizaram em nuances variáveis de concessividade.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Conexão. Concessividade. Ciclicidade.

^{**} Doutorado em Linguística (UNICAMP). Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto, SP – Brasil. Financiamento CNPq/PQ processo 306503/2023-9. sanderleia.longhin@unesp.br.

^{**} Mestranda em Estudos Linguísticos (UNESP). Financiamento CAPES processo 88887.292486/2026-00. Rio Preto, SP – Brasil. cn.cruz@unesp.br

ABSTRACT: In this paper, we approach aspects of the constitution of concessivity connectors in the history of Portuguese. The interest in the concessivity system stems from the fact that this is a historically unstable meaning relationship in languages, displaying a continuous renewal in their means of expression. We shall investigate grammaticalization processes from which concessive connectors originated at different stages of Portuguese, focusing especially on the semantics of the source and the role of contextual inferencing. The main question guiding this work is the recurrence, in Portuguese, of constitution patterns of concessive connectors which go back to Latin and point towards the existence of cyclical developments of a semantic-pragmatic type. Cyclicity is revealed through recurring evolution patterns at different time stages in one or more genetically related languages (Hansen, 2018, 2020). Based on the theoretical and methodological assumptions of Grammaticalization (Bybee, 2010, 2015; Narrog; Heine, 2021), and on studies about grammaticalization of Latin concessive constructions (Martín Puente, 1998; Spevak, 2005), as well as on diachronic corpora of Portuguese, the specific purpose of this work is to describe change processes which, taken collectively, seem to conform to onomasiological cycles running through the histories of Latin and Portuguese. Two semantic-pragmatic cycles shall be discussed: one based on assent, in which we analyse the evolution processes of *licet*, from Late Latin, and of *(se) bem que* and *embora*, from Classical and Modern Portuguese, from a semasiological perspective, and the other one based on scalarity, in which we analyse, also from a semasiological perspective, the evolution processes of *etiam si*, from Classical Latin, and *mesmo se*, from Modern Portuguese. For both cycles, the results suggest that similar, yet etymologically different semantic sources, in combination with specific contextual traces, have supported inferences of similar types which, in turn, allowed for the concessive interpretation and, later, were conventionalized in variable nuances of concessivity.

KEYWORDS: Grammaticalization. Link. Concessivity. Cyclicity.

Artigo recebido em: 28.02.2025

Artigo aprovado em: 04.06.2025

1 Introdução

Este trabalho pretende contribuir com a compreensão de aspectos da formação e da evolução do sistema de concessividade do português. Os marcadores de relações de concessivas, dado o alto teor de (inter)subjetividade, são propensos a processos de renovação que tipicamente envolvem fortalecimento pragmático. Há um debate recente em torno da natureza cíclica desses processos que se sustenta na hipótese de que significados fonte similares devem favorecer inferências contextuais similares, em intervalos temporais maiores ou menores, na diacronia de uma língua ou mesmo de línguas geneticamente relacionadas (Hansen, 2018, 2020).

Neste trabalho, exploramos alguns fenômenos de gramaticalização que levaram à renovação dos sistemas de concessividade do latim e do português e que, tomados em conjunto, parecem se conformar a instâncias de ciclicidade onomasiológica, no domínio semântico-pragmático. Dois possíveis ciclos estarão em discussão, cada um norteado por uma fonte semântica diferente. Para o primeiro ciclo, baseado no assentimento enfático, analisaremos em perspectiva semasiológica os processos de evolução de *licet*, do latim tardio, e de *(se) bem que* e *embora*, do português clássico e moderno. Para o segundo ciclo, baseado na escalaridade, analisaremos em perspectiva semasiológica os processos de evolução de *etiam si*, do latim clássico, e *mesmo se*, do português moderno.

A ciclicidade em mudança linguística, seja na morfossintaxe ou na semântica, é uma metáfora que visa captar propriedades dos percursos evolutivos. Considerando o cenário atual, no qual convivem diferentes definições e tipologias de ciclos de mudança (ver Scivoletto, 2025, para uma sistematização), neste trabalho, nos aproximamos da noção de ciclicidade onomasiológica, semântico-pragmática, nos termos de Hansen (2018, 2020), que consiste na recorrência de uma trajetória de mudança, que tem em seu ponto de partida e de chegada significados similares, mas não idênticos. Um determinado ciclo pode ocorrer mais de uma vez em uma língua ou em línguas diferentes, impulsionado sobretudo por forças de natureza pragmática.

A pesquisa se filia ao quadro teórico-metodológico da Gramaticalização (Bybee, 2010, 2015; Narrog; Heine, 2021), fortemente baseado em mecanismos cognitivos e pragmáticos. Privilegiamos a apreensão das relações que se estabelecem entre os significados fonte e os respectivos contextos que predispueram enriquecimentos inferenciais rumo à concessividade, com o propósito de compreender como as noções de assentimento enfático e de escalaridade participaram da constituição dos significados concessivos. Para o estudo das construções latinas, recorreremos a trabalhos sobre gramaticalização de concessivos latinos (Martín Puente, 2002; Spevak, 2005) e, para as construções do português, baseamo-nos em uma extensa

amostra diacrônica (Anexo), representativa das fases antiga até a moderna do português¹. A amostra foi compilada por ferramenta computacional (*Sketch Engine*) e reuniu textos extraídos de grandes plataformas de *corpora* do português².

O artigo está estruturado assim: além desta Introdução, na seção 2, discutimos a natureza derivada da concessividade e o quadro conjuncional do português; na seção 3, analisamos os dois possíveis ciclos: em 3.1, descrevemos os fenômenos relativos ao ciclo fundado no assentimento e, em 3.2, aqueles relativos ao ciclo fundado na escalaridade. A seção 4 traz uma discussão geral, e a seção 5 fecha o texto, com as Considerações Finais.

2 Concessividade como relação derivada e a questão dos ciclos

Dada a reconhecida dificuldade de definir as relações concessivas, partimos de uma definição genérica e operacional, presente em outros trabalhos (König, 1985, 1988; Kortmann, 1997; Neves, 2006), que compreende as concessivas como a expressão de uma quebra de expectativas que pode ter origens diversas, do que decorrem seus subtipos nuançados e os múltiplos arranjos morfossintáticos que os realizam. A fonte da quebra de expectativas pode estar na suspensão de uma implicação causal, na irrelevância de uma condicional, na manifestação de uma objeção, incompatibilidade ou dificuldade. As construções concessivas operam com implícitos acionados conjuntamente por informações do contexto linguístico e por valores e modelos de mundo partilhados pelos interlocutores. Nesses termos, trata-se de uma relação

¹ Para constituição da amostra, seguimos diretrizes relativas ao recorte temporal (século XIII ao XXI), ao espacial (variedades europeia e brasileira), à diversidade tipológica das sequências textuais e à quantidade de material similar para cada estado de língua, de modo a obter conjuntos comparáveis quantitativa e qualitativamente.

² Os textos foram extraídos das plataformas: Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho; Biblioteca Brasileira www.bbm.usp.br; Corpus digital do Português Medieval <https://cipm.fcsh.unl.pt>; Centro de Linguística da Universidade de Lisboa <http://www.clul.ulisboa.pt>; Biblioteca Nacional de Lisboa <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>; Projeto História do Português Brasileiro <https://sites.google.com/site/corporaphpb>; Projeto História do Português Paulista <https://phpp.fflch.usp.br/corpus>.

pragmática assentada no processo comunicativo, especificamente no movimento dialógico entre locutor e interlocutor.

É nesse sentido que König (1985, 1988), em suas generalizações translinguísticas, afirma que a concessividade é uma relação derivada que se resolve por meio de conectores complexos de etimologia transparente, sendo mais tardios na filogênese e na ontogênese³. Em contraste com outras relações do chamado domínio adverbial, as concessivas são mais predispostas à renovação de seus meios de expressão, com substituição frequente dos marcadores, o que se deve ao potencial de subjetividade inerente às construções contrastivas (Meillet, 1965; Mauri; Ramat, 2012) e, sobretudo, ao custo pragmático exigido na elaboração mental de uma concessiva, que envolve o processamento de inferências por parte do interlocutor e a busca por recursos mais expressivos e efetivos, por parte do locutor, de modo a minimizar o impacto dos mecanismos inferenciais em contextos conflitantes (Pérez Saldanya; Hualde, 2018).

O sistema de concessividade é um lugar em que se verifica uma grande ruptura entre latim e línguas românicas. As línguas descendentes não herdaram as conjunções concessivas latinas (Grandgent, 1907; Maurer, 1959), e a expressão desse tipo de contraste encontrou soluções, a princípio, na justaposição e no subjuntivo concessivo, com ou sem reforço adverbial e, posteriormente, cada língua desenvolveu seu próprio repertório conjuncional. Contudo, sobreviveram nas línguas românicas várias das estratégias de criação de conectores concessivos que estiveram ativas na história do latim. As concessivas latinas já eram categorias derivadas e multifuncionais, em sua maioria resultantes do amálgama entre duas ou mais palavras (Martín Puente, 1998; Spevak, 2005) como, por exemplo, *quamquam*, *quamuis*, *etsi*, *etiamsi*, *tametsi*, *tamenetsi* e *quamlibet*.

³ As perspectivas filogenética e ontogenética dizem respeito, respectivamente, ao desenvolvimento da capacidade humana de linguagem ao longo do tempo e ao desenvolvimento da linguagem no início da vida do indivíduo.

Especialmente interessantes são os processos de criação que seguem padrões de gramaticalização comuns em línguas de famílias distintas, que muitas vezes é o caso, como já mostraram os trabalhos em perspectiva tipológica (Harris, 1988; Haspelmath; König, 1998; König, 1985, 1988), os quais alcançaram resultados importantes, sobretudo na identificação das fontes semânticas mais produtivas para a renovação dos marcadores.

No conjunto dessas fontes, estão a quantificação universal e de livre escolha, a asserção enfática, a volição, a causalidade e a condicionalidade somadas a partículas focais, a coexistência temporal e sentimentos humanos negativos. As fontes contêm traços constitutivos do significado concessivo que, combinados a correlatos contextuais particulares, disparam os processos inferenciais responsáveis pela criação de novos significados concessivos. Desse ponto de vista, a natureza da fonte é um fator crucial: está no gatilho da mudança, na orientação de caminhos possíveis de evolução e na especificidade dos significados resultantes.

As construções concessivas em português têm uma complexidade peculiar que reside no quadro de conectores⁴, em geral perifrásticos, resultantes de processos de mudança; no modo como esses conectores participam do complexo oracional, estabelecendo graus variáveis de dependência pragmática, prosódica e sintática; e ainda no rico repertório de matizes semânticos expressos, que refletem a rede polissêmica envolvendo as noções de causa ineficiente e condição irrelevante.

O quadro de conectores concessivos se mostrou instável em toda a história do português, com a emergência de novos conectores, com a manutenção de alguns e com o desuso de outros, conforme Quadro 1.

⁴ Os termos *conector/marcador* são utilizados neste trabalho com significado genérico de mecanismo de conexão de natureza conjuncional, preposicional ou adverbial que estabelece uma relação de significado entre sintagmas, orações e até mesmo porções textuais.

Quadro 1 – Marcadores de concessão na história do português.

Fontes	Português – Estados de língua ⁵			
	Antigo XIII-XV	Médio XV-XVI	Clássico XVI-XVIII	Moderno XIX-XXI
Quantificação (universal/libre escolha)	<i>como quer que</i>	<i>como quer que</i>	-	-
	-	-	<i>por mais que</i>	<i>por mais que</i>
Causalidade	-	<i>conquanto</i>	<i>conquanto</i>	-
	<i>pero que</i>	<i>pero que</i>	-	-
	<i>empero que</i>	<i>empero que</i>	-	-
	-	-	<i>por mais que</i>	<i>por mais que</i>
Volição e intenção	<i>como quer que</i>	<i>como quer que</i>	-	-
	<i>magar que</i>	-	-	-
Assentimento enfático	-	-	<i>embora</i>	<i>embora</i>
	-	<i>bem que</i>	(se) <i>bem que</i>	<i>se bem que</i>
Aceitação	-	-	<i>embora</i>	<i>embora</i>
	<i>posto que</i>	<i>posto que</i>	<i>posto que</i>	<i>posto que</i> ⁶
Focalização escalar com condição	-	-	-	<i>mesmo se/que</i>
	-	-	-	<i>mesmo se/que</i>
Concomitância temporal com duração	-	-	-	<i>nem que</i>
	<i>ainda que</i>	<i>ainda que</i>	<i>ainda que</i>	<i>ainda que</i>
Negação	<i>ainda quando</i>	<i>ainda quando</i>	<i>ainda quando</i>	<i>ainda quando</i>
	-	<i>sem que</i>	<i>sem que</i>	<i>sem que</i>
Negação de impedimento	-	-	-	<i>nem que</i>
	<i>sem embargo</i>	-	-	-
Sofrimento e desaprovação	<i>não embargante que</i>	-	-	-
	-	<i>não obstante</i>	<i>não obstante</i>	<i>não obstante</i>
	-	-	<i>apesar de (que)</i>	<i>apesar de que</i>
	-	-	<i>em que pese</i>	<i>em que pese</i>

Fonte: elaborado pelas autoras.

O Quadro 1 ilustra uma parte considerável dos marcadores de concessividade do português, em perspectiva longitudinal, desde os estados mais antigos até o atual. Foi elaborado a partir de pesquisas realizadas ou em desenvolvimento (Longhin, 2021, 2022a, 2022b). As colunas registram os conectores documentados na amostra, relacionando-os às fontes. Alguns conectores aparecem vinculados a mais de uma fonte, como é o caso de *por mais que*, que envolve quantificação e causalidade, *embora*, que envolve volição e assentimento e *como quer que*, quantificação e volição.

As fontes dos concessivos em português se assemelham às fontes em muitas línguas, corroborando os trabalhos tipológicos mencionados. Os conectores do português antigo, quase todos em desuso, provieram de relações de causalidade,

⁵ A periodização segue Lindley-Cintra (cf. Castro 2017, 147), que propõe quatro fases não discretas: português antigo (XIII-XV), médio (XV-XVI), clássico (XVI-XVIII) e moderno (XIX-XXI).

⁶ No português moderno, *posto que* tem uso restrito em gêneros jurídicos e sempre com valor causal.

quantificação, volição, aceitação, concomitância temporal e negação de impedimento. Outros conectivos baseados na negação e no assentimento enfático emergem a partir do português médio. Na transição entre clássico e moderno, surgem conectivos que incluem causa e quantificação, volição e assentimento, e os baseados em sentimentos humanos que geram contrariedade. Inovações do português moderno estão nos conectores que relacionam negação e focalização escalar.

3 Ciclos de renovação recorrentes em português

3.1 De assentimento a concessividade

Nesta seção, abordamos os desenvolvimentos diacrônicos de *licet* latino, conforme (1), e de *(se) bem que* e *embora*, do português, conforme (2) e (3), cujas fontes são etimologicamente distintas, o modal *licere*, o advérbio enfático *bem* antecedido ou não por *se*, e a expressão volitiva *em boa hora*. *Licet* não teve continuidade nas línguas românicas⁷, *se bem que* e *embora* estão em uso no português moderno (cf. Quadro 1).

- (1) quoniam quidem semel suscepit, **licet** hercules undique omnes minae, terrores periculaque impendeant omnia, succurram ac subibo. Cic. S. Rosc. 31), *apud* Martín Puente (1998, p. 121) (port. 'ainda que Hércules esteja cercado por ameaças, medos e perigos, eu o ajudarei e assumirei essa responsabilidade')
- (2) A feira anual da seda acontece em julho, **se bem que** ali todo dia é dia de compra. (20-2/NILC)⁸
- (3) É importante salientar que, **embora** cheguem à trompa milhares de espermato-zóides, apenas um fecundará o óvulo. (20-2/NILC)

Em latim, o verbo modal deôntico *licere*, com valor de permissão, desenvolveu o valor epistêmico de possibilidade. Enquanto modal, *licere* existiu em toda a

⁷ Uma forma remanescente da raiz *licere* está no adjetivo masculino *licito*, 'o que é justo, permitido, legal'.

⁸ Para referência aos dados do português, utilizamos a seguinte convenção: entre parênteses, o primeiro número indica o século, o segundo indica primeira ou segunda metade e a sigla remete ao texto fonte, conforme relação no Anexo.

latinidade. Os dados em (4) e (5) ilustram os valores deôntico e epistêmico, respectivamente:

- (4) Non mihi crines depectere, non unguis subsecuisse **licet** (Ov., *Fast.* 230), *apud* Spevak (2005, p. 84) (port. 'não tenho permissão para desembaraçar meu cabelo ou cortar minhas unhas')
- (5) **licet** me id scire quid sit? (Plaut., *Pseud.* 16), *apud* Spevak (2005, p. 84) (port. 'posso saber do que trata?')

Estudos em linguística latina (Martín Puente, 1998; Spevak 2005) mostram que a forma de tempo presente, na terceira pessoa do singular, *licet*, tornou-se um conector concessivo, em um processo de evolução gradual que deixou rastros em usos dúbios entre modalidade e concessão, como (6). Nesse dado, o valor de permissão de *licet* é explorado para conceder ao(s) outro(s) a liberdade de dizer ou fazer: 'que protestem, eu aceito, não importa!'. O valor concessivo ligado a *licet* era raro no latim clássico, com exceção das obras de Cícero; já no latim tardio, *licet* esteve entre os conectores concessivos mais frequentes.

- (6) fremant omnes, **licet**; dicam, quod sentio (Cic., *De orat.* I, 195), *apud* Spevak (2005) (port. 'os outros poderão protestar, eu direi o que penso')

Para Spevak (2005), a leitura concessiva de (6) se sustenta na relação entre o assentimento sinalizado por *licet* e traços contextuais, tais como a contiguidade entre duas proposições pragmaticamente contrastivas, a presença de subjuntivo e a posição de *licet* no primeiro membro da construção. A nuance concessiva consiste em um duplo movimento argumentativo em que se concede um fato ao interlocutor, para, em seguida, apresentar um argumento mais decisivo. O assentimento expresso por *licet* era evidente também em usos autônomos, como em (7):

- (7) Intro abi; et quamquam hoc tibi aegre est, tamen fac accures.
- **Licet!** (Plaut., *Cas.* 421), *apud* Spevak (2005) (port. 'Retorne; e apesar de difícil para você, tente fazer as coisas bem. – Certo!')

Em um estágio de mudança subsequente, *licet* torna-se subordinador concessivo hipotético, em (8). São casos em que o valor hipotético está associado a prótases que remetem a circunstâncias que teriam potencial para afetar o conteúdo da oração nuclear, mas que se mostram insignificantes. *Licet* experimentou uma nova alteração semântica quando perdeu o traço condicional e passou a expressar concessão factual, em (9), em que prevalece o modo subjuntivo, com o papel de marcar uma dependência sintática (Spevak 2005, p. 156).

(8) **Licet** uastum traieceris mare, **licet**, ut ait Vergilius noster, 'terraeque urbesque recedant', sequentur te, quocumque perueneris, uitia. (Sem., *Epist.* 28,1) (port. 'em vão você teria atravessado o mar; em vão, como diz Virgílio: terras e cidades retrocederiam sob seu olhar; onde quer que você vá, seus vícios o seguirão')

(9) Et **licet** horrida nox sileat, lucis habet tamen illa ducem. (Prud., *Perist.* III, 49) (port. 'apesar da noite terrível e silenciosa, contudo há um guia que a ilumina')

Quanto às construções do português com (*si*) *bem que* e *embora*, nossa exposição privilegiará os contextos fonte e os contextos condicionadores da mudança, visto que um estudo detalhado desses processos de mudança pode ser conferido em (Longhin, 2022a, 2022b). Sobre as perífrases *bem que* e *se bem que*, como em (10) e (11), os primeiros dados com valor concessivo foram identificados, com frequência modesta, na transição entre português médio e clássico, como mostra a Tabela 1, a seguir.

(10) (...) e per estes dous nomes fam conhecidas estas duas maneiras de cardamomo dos físicos Arabios e mercadores, e ambas ha na India, e a mayor quantidade he de Calecut ate Cananor, **bem q̃** em outras partes do Malauar ha aja, e na Iaoa, mas não he tanta quantidade nem tam branco da caíca (16-2/CSD)

(11) As acções de Alexandre, e Cefar, que estavaõ brevemente para fahir à luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para ferem obras poſthumas, e tal vez que entaõ fejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente ſe deſculpaõ em favor de um morto; **ſe bem que** pouco vale hum livro, quando para merecer algum fuffragio, neceſſita que primeiro morra o feu Author. (18-2/RSV)

Tabela 1 – Perífrases conjuncionais de base em *bem* em perspectiva longitudinal.

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
<i>bem que</i>	5	2	38	97	9
<i>se bem que</i>	0	0	11	34	51
Total	5	2	49	131	60

Fonte: elaborada pelas autoras.

No português antigo, identificamos três usos adverbiais de *bem*, comuns ainda hoje: i) advérbio modal que, incidindo sobre verbos e adjetivos, acrescenta uma avaliação positiva sobre um processo, estado ou qualidade, em (10); ii) advérbio intensificador que, incidindo sobre predicados e adjetivos escalares, gradua para mais em uma escala, em (11); e iii) advérbio focalizador que, incidindo sobre termos, predicados e proposições, singulariza partes de informação como mais informativas. À maneira de Ilari (2002), assumimos que a focalização realizada por *bem* implica operações de verificação contextualmente dependentes. Das operações de verificação efetuadas por *bem*, interessa a que enfatiza o compromisso do locutor com a verdade do enunciado, em (12).

(10) E el foi pera la e vio-a seer mui fermosa e mui **bem** vistida (14-1/NL)

(11) (...) a crisma deue seer cuberta de pano de sirgo ou de linho **bẽ** brãco (14-2/PP)

(12) Amygo sygue me e soterra o meu corpo deploys que eu morer. ca **bẽ** creio per deos ca ueras galardõ por ãde (14-1/LMT)

Nossa hipótese explicativa para a emergência do uso concessivo está na função de asserção enfática de *bem*⁹, particularmente em contextos dialógicos, em que *bem* é parte de uma estrutura correlativa que tem *mas* (ou outro marcador contrastivo) no início do segundo membro, formando um complexo oracional do tipo *bem p, mas q*, que licencia uma inferência concessiva, como em (13) a (14).

⁹ Há uma tendência nas línguas em selecionar advérbios análogos a *bem* para composição de conectivos concessivos complexos, como é o caso, por exemplo, do francês *bien que*; italiano *benché* e *sebbene*; espanhol *bien que*, *si bien*; catalão *per bé que*, *si bé*; romeno *de bine ce*; alemão *obwohl* e *wiewohl* (Kortmann 1997, p. 97).

(13) depouys a molher **bẽ** pode alimpar se do pecado per pẽdẽça. **mas** nũca ã nehuũa guysa pode cobrar a virgindade nẽ a integridade dela. (14-1/LMT)

(14) El rei disse: «Entendo que taes sodes vós, que **bem** posso ser escusado desta fazenda por vós, **mais** eu quero i seer». (14-1/NL)

Nessas estruturas, *p* e *q* têm estatutos informativos distintos: *p* corresponde à informação dada ou disponível no contexto, atribuída ao(s) outro(s), e é exatamente esse o conteúdo asserido enfaticamente por *bem*, ao qual o locutor parece aderir, até mencionar *q*, que é o conteúdo, de fato, endossado por ele. Nessa perspectiva, *p* é concedido antes de ser qualificado como menos relevante. Considere (13), cuja interpretação concessiva é composicional: em *p*, por meio de *bem*, o locutor aceita enfaticamente que mulheres se livrem dos pecados por meio de penitência, algo concebido pelo ‘outro’, nesse caso, uma instituição religiosa; no entanto, endossa, em *q*, que a purificação não recupera a integridade da mulher. A presença de *mas* e a polaridade negativa de *q* indicam que há um conflito entre *p* e *q*.

Sobre o processo diacrônico de que resultou em *embora*, Ali (1931) relaciona a sua origem à expressão adverbial *em boa hora*, usada para desejar ‘bom êxito’, ‘hora propícia para algo’, por sinceridade ou por cortesia, dado o senso comum de que o sucesso dos atos humanos dependia da hora em que eram empreendidos. Na pesquisa em textos do português antigo, identificamos dados com valor de ‘bom êxito’, como (15), e outros registros em que *em boa hora* expressa mais propriamente uma avaliação positiva da situação, como (16), em que *em boa hora* vem seguido de uma justificativa, aqui tomada como marca da perspectiva do locutor e não do senso comum.

(15) (...) viinham corremdo todos e braadamdo:

- Portugall! Portugall! por elRei dom Joham! **em boa hora** venha o nosso Rei! (16-1/CDJ)

(16) A Rainha e o Comde rresponderam, que tornasse muito **em boa hora**, que ell averia desembargo como chegasse. (16-1/CDJ)

O estudo longitudinal de *embora*, na amostra do português médio ao moderno, identificou vários padrões de uso de *em boa hora ~ embora*, possivelmente relacionados a mais de uma trajetória de mudança (Longhin, 2022b). A Tabela 2 apresenta um recorte desses usos, privilegiando os relacionados à trajetória rumo à concessividade. A frequência dos padrões aponta para fatos importantes: i) o valor de bom êxito/avaliação positiva foi documentado principalmente nos estados de língua mais remotos; ii) surgiu outro padrão funcional, convivendo com o primeiro, mas com frequência mais considerável, no qual *embora* marcou assentimento; iii) os primeiros registros do valor concessivo foram identificados na segunda metade do século XVIII, com frequência crescente até o século XXI. Em todo esse período, o conector *embora* flutuou entre as categorias de advérbio e conjunção, o que indicia que a reinterpretação categorial é posterior à semântica.

Tabela 2 – Padrões funcionais de *em boa hora ~ embora* em perspectiva longitudinal.

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	1a	2a	1a	2a	1a	2a	1a	2a	1a	2a
adv. bom êxito	10	3	3	1	4	0	0	1	0	0
adv. assentimento	17	14	26	24	21	18	3	5	0	0
conec. concessivo	0	0	0	0	0	4	27	52	204	242

Fonte: elaborada pelas autoras.

Os dados em (17) e (18) trazem instâncias do marcador de assentimento, que aparece tipicamente em contextos caracterizados por situações conflituosas, de modo que o assentimento do locutor expressa a sua não oposição a fatos indesejados ou inesperados, o que é contraditório e leva, muitas vezes, à inserção de uma justificativa, como ocorre nesses exemplos.

(17) E se o padecente é homem animoso, e não está desmaiado naquele passo responde-lhe com muita soberba e ousadia, que o mate muito **embora**, porque o mesmo tem ele feito a muitos seus parentes e amigos. (16-2/HSC)

(18) Taramella: - Ay, deixe-me, não feja importuno, antes que lhe perca o respeito.

Esfuz: - Perde-o muito **embora**, que niffo pouco fe perde. (18-1/TCP)

Em (19) e (20), a seguir, *embora* participa de uma construção correlativa, similar às aquelas discutidas para *licet* e *bem*, em que *embora* ocupa o primeiro membro da correlativa *p* trazendo a aceitação enfática de um conteúdo disponível no contexto, ao passo que, o segundo membro *q*, prefaciado por um marcador contrastivo, traz a informação comunicativamente mais relevante. Nessas construções, a interpretação concessiva emerge pragmaticamente a partir de uma combinação particular entre *p* e *q*, por isso esses dados estão computados na Tabela 2 como advérbios de assentimento.

(19) A: - Torno a dizer, que as letras não faõ mais que vinte e duas, e provo. O Ypfilon pertence ao I, o til ao M: logo não accrefcentaõ duas letras: logo não faõ mais que vinte e duas.

A: - Se elle fora o L, como dizia, foubiera que antes de fi tinha huma destas letras, e a outra depois de fi, I, K, L, M.

C: - Seja **embora**; mas para fer affim, he neceffario accrefcentar ao I huma rafigadura, e ao M hum penacho. O penacho ferá para mim como vencedor; e a rafigadura para elle como roto, e vencido.

A: - As letras *per me*, faõ vinte e duas; *per te*, faõ vinte e quatro. (18-1/VS)

(20) D.L: - Ladrão, velhacão, tu descendo por huma corda os altos muros de meu quintal? Pois com effa mefma corda te atarey de pés, e mãos, até que amanhã, para entregarte à justiça. (...)

D.L: - Anda cá, ladrão, mostra cá os pulfos

Simic: - Não tenho febre.

D. L: - Anda, que atado has de ficar.

Simic: - Senhor, por fua vida, que me não ate; bafta o enleio, em que me vejo.

D.L: - Dize, a que viefte a efte quintal?

Simic: - Ora Senhor, ate-me muito **embora**, mas não me aperte por iffo.

D.L: - Por iffo he que eu te aperto, has de confeffar a que vieste. (18-1/TCP)

O fragmento em (19) é parte de um diálogo no qual há uma disputa, sem acordo final, quanto às letras do alfabeto. O locutor C aceita os argumentos de A, numa aparente atitude de cortesia, para então rejeitá-los. O fragmento em (20) retrata parte de uma cena em que se instaura um conflito quando o personagem Simic, utilizando uma corda, invade a propriedade de DL e é flagrado. O enunciado com valor concessivo é proferido por Simic na réplica à pergunta de DL sobre a razão da invasão.

Simic aceita enfaticamente que DL o amarre, o que é surpreendente, mas plausível diante da pressão para confessar o motivo do crime.

Como conector concessivo, em (21), *embora* é versátil no português moderno, já que é capaz de expressar diferentes nuances concessivas, pode envolver articulação de segmentos oracionais e não oracionais, permite mobilidade posicional do segmento concessivo (anteposto, intercalado, posposto) e apresenta variabilidade na seleção modo-temporal, com prevalência de tempos do subjuntivo.

(21) Existem, também, seres inferiores que, **embora** não tenham olhos, possuem por todo o corpo células fotorreceptoras, que lhes permitem ‘sentir’ a luz. (20-2/NILC)

Em suma, a mudança *licet* tem início no latim clássico e atinge a plenitude da expressão concessiva no latim tardio, recuando posteriormente; (*se*) *bem que* emerge entre o português médio e clássico, *se bem que* se mantém até hoje, ao passo que *bem que* recua, desvinculando-se do significado concessivo; *embora* emerge na transição entre português clássico e moderno e é hoje um conectivo especializado nos diferentes tipos concessivos. O Quadro 2 traz uma sistematização dos três percursos históricos:

Quadro 2 – Síntese longitudinal dos fenômenos de mudança.

Lat. antigo III a.C a I a.C	Lat. clássico I a.C a III d.C	Lat. tardio III d.C a VII	Port. antigo XIII-XV	Port. médio XV-XVI	Port. clássico XVI-XVIII	Port. moder. XVIII-XXI
<i>licet</i> verbo modal	<i>licet.. mas</i> assentimento ~ concessividade	<i>licet</i> conector concessivo	- <i>bem... mas</i> assentimento ~ concessividade <i>em boa hora</i> bom êxito/ avalia. positiva	- <i>bem que</i> concessivo <i>embora ... mas</i> assentimento ~ concessividade	- <i>bem que ~ se</i> <i>bem que</i> concessivos <i>embora</i> concessivo	- <i>se bem que</i> concessivo <i>embora</i> concessivo

Fonte: elaborado pelas autoras.

3.2 De escalaridade a concessividade

Nesta seção, focalizamos os marcadores de concessão *etiam si*, do latim clássico, e *mesmo se*, do português moderno, que mostram processos históricos de evolução

similares e, da perspectiva adotada aqui, podem ser tomados como instância de ciclicidade onomasiológica, no domínio semântico-pragmático. Nos dois casos, temos na fonte advérbios escalares combinados com a conjunção condicional *si-se*.

Estudos tipológicos (König, 1985, 1988; Haspelmath e König, 1998) evidenciam que o trânsito evolutivo de *escalaridade* a *concessividade* se realiza em geral a partir da fusão entre marcadores focais e conectivos temporais ou condicionais, com a consequente reinterpretação como marcadores de concessão hipotética, conforme, por exemplo, *incluso si*, do espanhol, *même si*, do francês, *even if*, do inglês, e *selbst wenn* ou *auch wenn*, do alemão.

Pérez Saldanya e Hualde (2018) exploram o trânsito entre advérbios escalares e conjunções concessivas na constituição de *aunque*, do espanhol, e *encara que*, do catalão, e destacam a peculiaridade dos conectores concessivos, que tendem a passar por recriação cíclica, com padrões recorrentes na origem e na evolução. Os autores mostram que as trajetórias de *aunque* e *encara que* seguem, na verdade, um padrão atestado em muitas outras línguas, em que inicialmente emerge um valor concessivo hipotético, depois um valor concessivo factual e, mais recentemente, em contextos específicos, um valor de restrição, próximo às adversativas.

A seguir, apresentamos a discussão de *etiam si*, fundamentada em Martín Puente (1998), e a de *mesmo se*, na amostra de dados do português moderno.

Segundo dicionários etimológicos latinos (Ernout; Meillet, 1951; Oxford, 1969), *etiam* (*et + iam*) funcionou como partícula de ligação, com significado temporal ‘e agora’ e, posteriormente, com os significados aditivo ‘além disso, e ainda’ e enfático ‘mesmo, até’. Na acepção enfática, *etiam* focalizava o elemento menos esperado de um conjunto de possibilidades licenciadas pelo contexto. O latim justapôs *etiam* à condicional *si*, formando o conector concessivo *etiamsi* ~ *etiam si*¹⁰, por meio do mesmo mecanismo que já tinha formado, anteriormente, também com *si*, as concessivas *etsi*, *tametsi* e

¹⁰ A grafia com ou sem o espaço em branco entre *etiam* e *si* era variável nos textos latinos do período clássico (Martín Puente, 1998, p. 275).

tamenetsi. Mas *etiam si* se diferenciava das demais por expressar concessão hipotética, por selecionar preferencialmente subjuntivo e por mostrar uma fusão ainda frouxa entre seus elementos constitutivos. Foi frequente em textos argumentativos, como documentado nas obras de Cícero (Martín Puente, 1998).

No padrão de advérbio escalar, *etiam* podia incidir sobre termos e orações e já era possível derivar uma leitura concessiva a partir do elemento focalizado em seu entorno contextual, mesmo sem a presença de *si*, conforme (22) e (23), que trazem contextos em que o conteúdo da apódose não depende daquele da prótase e, além de a apódose conter o correlato enfático *tamen* ('contudo'), que participa da expressão contrastiva.

(22) Mihi **etiam** qui optime dicunt quique id facillime atque ornatissime facere possunt, **tamen**, nisi timide ad dicendum accedunt et in ordienda oratione perturbantur, paene impudentes videntur, Cic. *de orat.* 1, 119, *apud* Martín Puente (1998, p. 270) (port. 'para mim, **mesmo** aqueles que falam muito bem e que conseguem fazê-lo com maior facilidade e elegância, contudo, se não se aproximam da fala com modéstia certo receio e não se mostram perturbados ao iniciar o discurso, parecem arrogantes')

(23) sed alia sunt maiora multo, fides, officium, diligentia, quibus rebus adducti, **etiam** cum alienissimos defendimus, **tamen** eos alienos, si ipsi viri boni volumus haberi, existimare non possumus. Cic. *de orat.* 2, 192, *apud* Martín Puente (1998, p. 270) (port. 'mas há coisas muito maiores: a fé, o dever e a diligência. Guiados por esses valores, mesmo quando defendemos pessoas completamente estranhas, não podemos, contudo, considerá-las estranhas, se nós mesmos queremos ser considerados homens de bem').

As concessivas latinas com *etiam si* eram exclusivamente hipotéticas escalares, como em (24), tipo concessivo que consiste em introduzir na prótase uma hipótese que, no caso de realizar-se, poderia dificultar ou impedir a realização do conteúdo da apódose, mas que, ao final, se mostra ineficaz ou irrelevante, prevalecendo a factualidade da apódose. No entanto, há contextos, como em (25), em que *etiam si* tinha valor exclusivamente condicional e a realização da apódose era de fato uma consequência da realização da prótase. Segundo Martín Puente, essa variação nos

padrões de uso de *etiam si* é sintoma de que o conector não alcançou o estágio máximo de gramaticalização como concessiva, que requer, além do mais, a fusão plena de *etiam* e *si*. A autora identifica marcas de fusão relativa em dois aspectos linguísticos da construção. O primeiro está na possibilidade de inserção de material interveniente entre *etiam* e *si*, como *súbito* em (26), e o segundo, na possibilidade de coordenar *etiam si* com *si*, como em (27). Se a coordenação é o meio de composição que articula segmentos funcionalmente equivalentes, então *aut* ('ou'), no dado em questão, está sinalizando uma equivalência funcional entre *etiamsi* e *si*.

(24) Cur nolint, **etiamsi** taceant, satis dicunt; verum non tacent. (Cic. *div. in Caec.* 21, *apud* Martín Puente (1998, p. 271) (port. 'mesmo se não disserem nada, as razões de sua recusa estão bastante claras; mas eles não se calam.')

(25) socium cavere qui possumus? quem **etiamsi** metuimus, ius officii laedimus (Cic. *S.Rosc.* 116, *apud* Martín Puente (1998, p. 274) (port. 'como podemos desconfiar de um aliado? Se mesmo só o temendo, violamos o dever da lealdade'.)

(26) Et qui a scribendi consuetudine ad dicendum venit, hanc adfert facultatem, ut, **etiam** subito **si** dicat, tamen illa, quae dicantur, similia scriptorum esse videantur. Cic. *de orat.* 1, 152, *apud* Martín Puente (1998, p. 276) (port. 'Quem vem da prática da escrita para a oratória possui esta vantagem: mesmo quando fala de improviso, suas palavras parecem ter a qualidade da escrita')

(27) Reliquis diebus **si** quid erit quod te scire opus sit, aut **etiam si** nihil erit, tamen scribam cottidie aliquid. Cic. *ad Q.fr* 2, 10,2, *apud* Martín Puente (1998, p. 271) (port. 'nos dias seguintes, se há algo que deva saber ou mesmo se não houver nada, contudo escreverei todos os dias')

Os usos de *etiam* recuaram em algum momento, juntamente com outros tantos advérbios e conectores do latim clássico que não foram empregados no latim vulgar e, conseqüentemente, não foram herdados pelas línguas românicas (Grandgent, 1907, p. 8).

Quanto à construção portuguesa, no português moderno, *mesmo* sozinho ou em perífrase, *mesmo que* e *mesmo se*, pode expressar concessividade. Nossa abordagem se

circunscreve a *mesmo se*, por questão de espaço, mas faremos alguma referência a outros usos de *mesmo*.

A etimologia de *mesmo* está no latim vulgar, na forma **metipsum*, com significado de identidade (*o mesmo*), constituído a partir da cristalização entre o prefixo *met-* e o pronome demonstrativo *ipse*. O prefixo *met-*, antes de ocupar a borda esquerda das palavras, atuava como sufixo e era comumente acrescido a pronomes pessoais e adjetivos possessivos com o propósito de reforçar a categoria de pessoa ou de criar oposição no paradigma (Ernout; Meillet, 1951, p.712). Segundo Grandgent (1907, p. 36), o uso do sufixo como prefixo, conferindo ênfase a demonstrativos (*metipsum*, *metipse*), foi um fenômeno vulgar e o único uso a sobreviver nas línguas românicas. Desse modo, na fonte de *mesmo* estão dois traços semânticos, identidade e reforço, que são fundamentais para entender as múltiplas transformações que se seguiram na história do português.

Nos dados do português antigo, encontramos somente usos nominais de *mesmo*, conforme (28)-(29), nos quais apresenta valor de identidade por congruência ou semelhança, possui caráter pronominal adjetival e é suscetível de variação em gênero e número. Nos dados do português clássico e moderno, conforme (30) a (33), verificamos uma considerável expansão dos usos, com pelo menos quatro padrões: comparação, restrição, asserção enfática e focalização escalar, respectivamente.

(28) Se *per* ventura o fiador morrer *ante que* seya quite da fyadoria, seus herdeyros seya teudos polha fiadoria assi como el **meesmo** era. (13-2/AX)

(29) Entõ leyxello tomar se o quiser en sacar. E isto **meesmo** seya en seruo que fugir a ygreya por leyxar seu senhor. (13-2/AX)

(30) e contudo a foi jurar e o **mesmo** capitão mor foi a jurar con seus irmãos e outras mtas pessoas q pa isso convocarão q mais sinto as ofensas q fizerão [...] (17-2/PS)

(31) E dormi essa noite em casa de Silvério de tal, que morava perto dele vigário e ele **mesmo** bem o sabia. (19-1/MAP)

(32) Agora andam me jurando a pele por querer me matar e andam dizendo que não hei de escapar **mesmo** e assim quero que prendam esta gente, que não tombem mais para esta terra. (18-2/MAP)

(33) Esses e outros trechos do Cristo e de Nossa Senhora dão uma concepção da religião como algo simples, agradável, doce e não como uma coisa formal, solene, difícil e **mesmo** penosa. (20-2/AC)

Em (30), *mesmo* expressa uma identificação por congruência, posiciona-se dentro do sintagma nominal, anteposto ao núcleo substantivo, concordando com ele em gênero e número e estabelecendo referência anafórica. Em (31), *mesmo* mantém o traço identidade e restringe um referente em um conjunto possível, em geral envolvendo as categorias de pessoa, espaço e tempo. Mostra-se morfologicamente variável, com foricidade e posposto ao elemento que modifica. Em (32) e (33), estão os usos mais argumentativos. No primeiro, *mesmo* é marcador de asserção enfática, realça a crença ou a certeza do locutor sobre a verdade do enunciado, incidindo, em geral, sobre o verbo a ele anteposto; no segundo, *mesmo* é marcador de foco escalar e, como tal, singulariza o elemento mais informativo no domínio de uma escala de implicação pragmática.

O escalar é o uso adverbial mais tardio nos dados, as primeiras ocorrências datam do século XIX. É esse padrão que supomos estar na origem do conector concessivo, portanto investimos em sua caracterização. Enquanto marcador escalar, *mesmo* é advérbio focal aditivo, posiciona-se antes do constituinte focal, que pode ser um sintagma, como em (33), (34) e (35), ou até orações desenvolvidas e reduzidas, como em (36) e (37).

(34) Heloneida: – Em qualquer restaurante, **mesmo** no mais chique, tem sempre um cabelo na comida. (20-2/AJ)

(35) Solicitam, por nosso intermedio, chamar a attenção dos illustres dr. director de hygiene e coronel prefeito da capital, para a falta de asseio existente na freguezia de São José, notadamente na rua [ilegível] que mantém grande quantidade de lama infecta e onde o movimento de carroças é extraordinariamente intenso dando logar a collisões entre esses vehiculos e os transvios, occasionando, quasi sempre, prejuizos matereaes e **mesmo** pessoaes, em passageiros que, á falta de assento, viajam na plataforma dos mesmos. (20-1/CLJ)

(36) Quando insisti, reiterei e repeti que os princípios jurídicos sobrepõem-se às simples regras – **Mesmo** quando emanadas do mais poderoso “general do dia” – fui chamado, ironicamente, de espadachim (20-2/RFD)

(37) Quando deixei você em casa, o João estava furioso. O que aconteceu depois? Nada sério. A Ana conseguiu acalmá-lo e **mesmo** persuadi-lo a nos ajudar. (20-2/AJ)

Esse padrão de *mesmo* interage com *escalas*, ou seja, com conjuntos de alternativas paradigmáticas ordenadas em alguma dimensão. É evidente nos dados que essa interação é bastante variável e suscetível a especificidades contextuais. Em (34), *mesmo* se envolve com uma escala de tipos de restaurantes que, de acordo com expectativas e modelos de mundo, poderiam ser dispostos segundo as chances de se encontrar cabelo na comida. Nesse caso, *mesmo* singulariza a opção menos provável e, ao fazer isso, suspende um pressuposto pragmático do tipo *quanto mais chique, menor a probabilidade de encontrar cabelo*.

Já (35) é de outra ordem, *mesmo* interage com uma escala atitudinal avaliativa, em que o locutor expressa seu ponto de vista (Gast; Rzymiski, 2015) ao afirmar que a colisão entre os veículos resulta em prejuízos materiais e pessoais e sugere, por meio de *mesmo*, que os pessoais são mais impactantes. Nesse caso, o ranqueamento das alternativas não é pautado na probabilidade, como em (34), mas em uma força argumentativa que põe em foco algo notável, determinando a ordenação das escalas em jogo. Em (36), a existência de regras impostas por um poderoso general é a situação mais desafiadora – e, portanto, é enfatizada – para a manutenção dos princípios jurídicos. Em (37), ‘acalmar o João’ e ‘convencê-lo a ajudar o grupo’ são eventos que seguem a mesma orientação argumentativa, mas o convencer, colocado em foco por *mesmo*, é a situação menos esperada e, portanto, se apresenta como o conteúdo mais informativo.

O exame desses dados permite concluir que *mesmo* sozinho, sem a contiguidade com *se*, tal como *etiam* sem o *si* (rever (22) e (23)), no contexto de focalização escalar, pode habilitar leitura concessiva. Sugerimos que esse significado concessivo é

pragmático e ele emerge do fato de que a expressão focalizada por *mesmo*, ao ser alçada ao posto de mais informativa, pode trazer um enriquecimento interpretativo quando nega um pressuposto sugerido no contexto. Esse é o caso de (34) e (36), em que há possibilidade de interpretação concessiva. Diferentemente, em (35) e (37), não há negação, os enunciados apontam para a mesma orientação argumentativa e eles são ordenados e destacados conforme maior potencial de informatividade.

O levantamento dos dados na amostra diacrônica mapeou os três padrões funcionais – *mesmo* advérbio focalizador escalar, *mesmo* conector concessivo e *mesmo se* conector concessivo perifrástico – e resultou em um total de 794 dados. A Tabela 3, a seguir, mostra a frequência absoluta desses padrões em perspectiva longitudinal. O uso como advérbio escalar mostrou frequência alta em todos os estados de língua e coexistiu com o conector não perifrástico, que apresentou frequência muito menor. Não temos registro desses usos nos textos dos séculos XVII e XVIII. Por outro lado, o conector perifrástico *mesmo se* é mais tardio, só documentado na segunda metade do século XX, especialmente em textos jornalísticos.

Tabela 3 – Frequência absoluta dos padrões de *mesmo* em perspectiva longitudinal.

Padrões funcionais	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2	TOTAL
advérbio escalar <i>mesmo</i>	96	239	134	131	600
conector <i>mesmo</i>	5	4	11	40	60
conector <i>mesmo se</i>	-	-	-	134	134

Fonte: elaborada pelas autoras.

A distinção entre o advérbio escalar *mesmo* e o conector *mesmo* não é óbvia, nem discreta, pois há inúmeros casos em que o escalar nega uma suposição e sugere relação concessiva. Cientes dos limites fluidos, classificamos como conector, distinguindo-o do advérbio, o uso em que *mesmo* mobiliza uma construção binária, estabelecendo entre as duas unidades um significado concessivo de tipo factual ou real, que sinaliza a suspensão de uma suposição causal. Nesses casos, em que a prótase concessiva pode ser tanto parentética como oracional, a posição preferida é a anteposição à oração

nuclear. Os dados de (38) a (40) são do conector, e os segmentos concessivos são orações reduzidas. Em todos os casos, temos concessivas factuais, canônicas, em que prótase e apódose são assertivas e rompem com suposições causais.

(38) Deixa o envelope sobre a mesa, vai se deitar. **Mesmo** coberta não pára de tremer (21-1/ZA)

(39) O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, **mesmo** sendo uma menina, se dera ao seu amor. (20-1/CA)

(40) No fim, quando, sob palmas, ele se curvara, agradecendo, os cabelos branqueando nas fontes, o ar calmo, as lindas mãos caídas, ela descobrira que estava apaixonada havia muito tempo, **mesmo** sem o conhecer. (20-1/ORS)

As construções concessivas com *mesmo se*, como em (41) a (43) são historicamente posteriores àquelas com *mesmo*. São construções complexas que se caracterizam pela posposição da prótase à apódose e pela seleção do futuro do subjuntivo. Do ponto de vista do significado, mobilizam uma pressuposição pragmática, referente às condições de mundo tidas como normais, plausíveis e partilhadas pelos locutores. Como essa pressuposição tem potencial para questionar ou até invalidar o conteúdo da apódose, o locutor formula a objeção, conferindo-lhe irrelevância diante da assertividade da apódose. Nessa perspectiva, por meio dos enunciados com *mesmo se*, o locutor restringe os processos inferenciais do interlocutor, evitando interpretações não pretendidas e poupando, portanto, esforços mentais desnecessários.

(41) O ato pretende ainda prestar solidariedade aos metalúrgicos e ocorre **mesmo se** a greve acabar. (20-2/NILC)

(42) Percebe-se essa evaporação pela umidade das paredes da moringa e pela diminuição do volume da água, **mesmo se** conservarmos o recipiente tampado. (20-2/NILC)

(43) Segundo o governador eleito, o PDT não participará do governo FHC **mesmo se** convidado. (20-2/NILC)

Em (41), a pressuposição de que o fim da greve poderia ser determinante para o cancelamento do ato se mostra irrelevante e prevalece o conteúdo da apódose. De modo similar, em (42) e (43), é conferida irrelevância às pressuposições de que o recipiente fechado pode evitar a evaporação e de que o convite do governo FHC poderia levar o partido a participar do governo, respectivamente.

Discutimos anteriormente que, segundo Martín Puente (1998), *etiam si* não se convencionalizou como um conector propriamente dito e esse também parece ser o caso de *mesmo se*, conforme (44), no qual o vínculo entre *mesmo* e *se* ainda é frouxo, como evidencia o contexto de coordenação com *e*, em que *mesmo* é suprimido no segundo membro, ainda que seu significado permaneça latente.

(44) Ele afirmou que o estatuto do sindicato, datado de 1o. novembro de 1993, foi aprovado em assembléia e tem validade, **mesmo se** estiver sendo contestado na Justiça e **se** ainda houver solução para o caso. (20-2/NILC)

O Quadro 3, a seguir, sistematiza os processos de mudança discutidos nesta seção e ilustra o fato de que, em um dado momento, o latim recrutou uma construção tipicamente escalar para expressar concessividade e, muito depois, o português percorreu um caminho bastante similar.

Quadro 3 – Síntese longitudinal dos fenômenos de mudança.

Lat. antigo III a.C a I a.C	Lat. clássico I a.C a III d.C	Lat. tardio III d.C a VII	Port. antigo XIII-XV	Port. clássico XVI-XVIII	Port. moder. XIX	Port. moder. XIX-XXI
<i>et + iam</i> inclusivo	<i>etiam</i> escalar <i>etiam si</i> escalar ~ concessivo	- <i>*metipsum</i> identidade e reforço	- <i>mesmo</i> identidade congruência	- <i>mesmo</i> múltiplas acepções	- <i>mesmo</i> escalar ~ concessivo	- <i>mesmo ~</i> <i>mesmo se</i> concessivo

Fonte: elaborado pelas autoras.

4 Discussão

Sobre o primeiro ciclo, é possível afirmar, com base nos dados, que nas três trajetórias há recorrência de uma estrutura correlativa que dispara tipos similares de

inferências de concessividade, a partir de um esquema argumentativo entre o que é aparentemente aceito em *p* e o que é efetivamente endossado em *q*. Desse ponto de vista, *licet*, *bem* e *embora* participaram do esquema concessivo e serviram como recurso sistemático para esse raciocínio, promovendo enriquecimentos inferenciais baseados na afinidade conceitual entre assentimento e concessão. Se, a princípio, o valor concessivo dependia de um arranjo particular entre *p* e *q*, com o tempo, ele tornou-se um traço convencionalizado nos próprios itens, que, paralelamente, foram ganhando outros traços de conectivos, tais como a crescente fixação na margem esquerda do segmento concessivo, o escopo alargado sobre a relação entre os estados de coisas e a sinalização instrucional de quebra de expectativa.

Sobre o segundo ciclo, com base nos dados, fica evidente a similaridade das trajetórias de mudança de *etiam si* e *mesmo se*, apesar das singularidades de cada processo, que são sempre esperadas. As fontes *etiam* e *mesmo* são fruto de processos remotos de aglutinação e apresentaram várias funções, dentre elas a de marcador escalar. *Etiam*, no latim clássico, realizava ênfase escalar e, em condições contextuais favoráveis, habilitava leitura concessiva. *Mesmo*, do latim vulgar, desenvolveu uso escalar muito mais tardiamente, no século XIX, e, da mesma forma que *etiam*, também permitiu leitura concessiva na presença de correlatos contextuais. Ambos os advérbios modificavam constituintes estruturais variados e passaram a modificar também orações condicionais. A contiguidade entre o advérbio e o conector condicional propiciou a reinterpretação como perífrases concessivas, ainda que com grau relativo de fusão, em ambos os casos. *Etiam si* e *mesmo se* expressam um tipo de concessão hipotética, pautada na mobilização de escalas, herança clara da forma fonte. Mas, no caso das construções com *mesmo se*, as escalas se tornaram predominantemente binárias, conforme (41) a (43), e o jogo argumentativo as enfraquece, conferindo irrelevância frente ao conteúdo da oração nuclear. Nesses termos, veiculam hoje um significado concessivo restritivo que responde antecipadamente a possíveis objeções,

o que não aconteceu com *etiam si*, que nunca expressou restrição (cf. Martín Puente, 1998).

Os resultados da pesquisa corroboraram a precedência e a importância da pragmática no gatilho e na condução das mudanças rumo a significados mais intersubjetivos e procedurais e permitiram uma aproximação com a noção de ciclicidade enquanto processo recorrente na mudança de significado. Nos dois ciclos em questão, as trajetórias partem de fontes etimologicamente diferentes, mas com significados similares, experimentam processos inferenciais análogos e renovam os mecanismos de marcação de concessividade, em diferentes intervalos de tempo, em latim e em português. Nesse aspecto, reforçamos o potencial da gramaticalização enquanto ferramenta de reconstrução linguística sobretudo i) por fornecer os subsídios para operacionalização metodológica da reinterpretação induzida contextualmente e da gradualidade na constituição das categorias, e ii) por fornecer generalizações probabilísticas sobre as rotas de mudança em perspectiva tipológica.

A repetição de processos evolutivos, em cronologias distintas, em línguas aparentadas, como no caso do latim-português examinado aqui, mas também entre línguas não aparentadas, traz um dado relevante sobre cognição e desenvolvimento humano. Conhecendo-se a natureza argumentativa e dialógica das concessivas, a repetição de trajetórias evolutivas para a constituição de novos marcadores sugere que as transmissões geracionais sejam cumulativas, mantendo há séculos modos de raciocínio e manobras de argumentação que se baseiam em suposições sobre o conhecimento do outro e sobre modos sociais de dizer.

O reconhecimento de padrões cíclicos apresenta-se, portanto, como um lugar que pode ajudar a refinar nossa compreensão acerca das tendências e regularidades da mudança linguística e, além disso, pode permitir aos analistas formular previsões acerca de futuros percursos de mudança.

5 Considerações finais

Neste trabalho, analisamos processos de gramaticalização que afetaram o latim e o português e argumentamos em torno das semelhanças e regularidades na condução desses processos. Além das conclusões alcançadas e descritas anteriormente, gostaríamos de destacar mais duas, também fundamentais, relacionadas à natureza da concessividade e ao potencial da gramaticalização enquanto método científico de reconstrução diacrônica.

A primeira repousa na compreensão de que a relação concessiva nasce, de fato, do diálogo, da colaboração entre os sujeitos, da intencionalidade compartilhada e do embate argumentativo, nas tantas práticas sociais. Essa dinâmica que é social, cognitiva e cultural foi muito bem traduzida por Bechara (1954) ao afirmar que:

A concessão dever ter nascido no momento em que as declarações do falante sentiram o peso da argumentação contrária do interlocutor. (...) A prática cotidiana habilitou o homem a pressupor, no correr de suas asserções, a objeção iminente. Enunciar o pensamento contando e obstruindo os obstáculos que o interlocutor ou interlocutores apresentariam era o propósito da idéia concessiva (Bechara, 1954, p. 8).

A segunda está no fato de que, ao eleger por questão central o *como* as categorias lexicais originam outras mais gramaticais e subjetivizadas e ao se fundamentar nas dimensões pragmática e cognitiva, a pesquisa empírica em gramaticalização contribui fortemente para a compreensão da gramática das línguas como reflexo da experiência social e perceptual humana, permitindo o reconhecimento de regularidades nas trajetórias de mudança e o alcance de generalizações tipológicas.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) aos projetos *Junção e(m) mudança: ciclos de renovação no sistema de concessividade* (processo 308466/2020-9) e *Renovação cíclica dos marcadores de concessão em latim e português* (processo: 306503/2023-9) e agradeço aos avaliadores anônimos pelas contribuições.

Referências

- ALI, M. S. **Grammatica histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- BECHARA, E. **Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português**. Tese de Cátedra. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1954.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>
- BYBEE, J. **Linguistic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CASTRO, I. **A Estrada de Cintra**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris: Librairie Klincksieck, 1951.
- GAST, V.; RZYMSKI, C. Towards a corpus-based analysis of evaluative scales associated with *even*. **Linguistik Online** 71, p. 153-173, 2015. DOI <https://doi.org/10.13092/lo.71.1782>
- GRANDGENT, C. H. **An introduction to vulgar latin**. Boston: Heath & Co, 1907.
- HANSEN, M. M. The role of inferencing in semantic/pragmatic cyclicity: the case of Latin 'nunc' and French 'or'/'maintenant'. **Open Linguistics**, 4, p. 127-146, 2018. DOI <https://doi.org/10.1515/opli-2018-0007>
- HANSEN, M. M. The role of pragmatics in cyclic language change. **Journal of Historical Pragmatics** 21, p.165-181, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/jhp.00040.mos>
- HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 71-99. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.18.06har>
- HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. (ed.), **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin: de Gruyter, 1998. p. 563–640. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110802610.563>
- ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 181-198.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence. *Lingua* 66, p. 1-19, 1985. DOI [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)

KÖNIG, E. Concessive connectives and concessive sentences: cross-linguistic regularities and pragmatic principles. In: HAWKINS, J. (ed.), **Explaining language universals**. New York: Basil Blackwell, p. 145-166, 1988.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. Berlin: de Gruyter, 1997. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110812428>

LONGHIN, S. R. Expansão no sistema de concessividade: a gramaticalização de *apesar de (que)* na história do português. **Working Papers em Linguística** 22, p. 86-110, 2021. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021e74743>

LONGHIN, S. R. Da afirmação enfática à concessividade: dois estudos de caso na história do português. **Revista de Estudos da Linguagem** 30, p. 1397-1436, 2022a. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.30.3.1397-1436>

LONGHIN, S. R. Onomasiological cyclicity in the expression of concessive relations. **Journal of Portuguese Linguistics** 21, p. 1-31, 2022b. DOI <https://doi.org/10.16995/jpl.8927>

MARTÍN PUENTE, C. **La expresión de la concesividad em latín clásico**: su análisis y distribución sintáctica. Tese. Madrid: Universidad Complutense, 1998

MAURER, T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, v. 50, 2, 191-239, 2012. DOI <https://doi.org/10.1515/ling-2012-0008>

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique Générale**. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912]).

NARROG, H.; HEINE, B. **Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PÉREZ SALDANYA, M.; HUALDE, J. I. Recurrent processes in the evolution of concessive subordinators in Spanish and Catalan Morpho-Syntax. In: BOUZOUITA,

M.; SITARIDOU, I.; PATO, E. (ed.). **Studies in historical ibero-romance**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. DOI <https://doi.org/10.1075/ihll.16.10per>

SCIVOLETTO, G. A typology of cyclicity: waves and spirals, constructions and features. In: HANSEN, M. B.; WALTEREIT, R. (ed.), **Cyclic Change in Grammar and Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2025., p.276-301. DOI <https://doi.org/10.1093/9780198940661.003.0012>

SPEVAK, O. **La concession en latin**. Brussels, Latomus, vol. 294, 2005.

Anexo

<p>Século XIII 1201-1250: Notícia de Torto (13NT); Cantigas de amigo (13CA); Testamento de D. Afonso II (13TDA); Cantigas de amor (13CAM) 1251-1300: Cantigas de Santa Maria (13CSM), Foro Real Afonso X (13AX), Dos Costumes de Santarém (13DCS); Documentos Notariais (13DN), Tempos dos Preitos (13TP), Chancelaria D. Afonso III (13CDA)</p>
<p>Século XIV 1301-1350: Arte de Trovar (14AT), Foros de Garvão (14FV), Dos Costumes de Santarém (14DCS), Vidas de Santos (14VS), Narrativa de livro de linhagens (14NL), Cantigas de amor (14CA), Textos Notariais in Clíticos da História do Português (14TN), Chancelaria de Dom Afonso (14CDA), Livro dos Mártires (14LMT), Trasladação de S. Nicolau (14TSN) 1351-1400: Crónica Geral de Espanha (14CGE), Livro de Montaria (14LM), Corte Imperial (14CI), Alphonse X - Primeyra Partida (14PP), Flos Sanctorum (14FS)</p>
<p>Século XV 1401-1450: Horto do Esposo (15OE), Livro dos Ofícios (15LO), Demanda do Santo Graal (15DSG), Livro da Ensinança de bem Cavalgar (15LEC), Leal Conselheiro (15LC), Crónica de Dom Pedro I (15CDP), Penitencial de Martim Perez (15P), Livro do Regimento Évora (15LRE) 1451-1500: Tratado de Confissom (15TC), Carta de Pêro Vaz de Caminha (15CC), Sacramental (15S), Livro das Tres Vertudes (15LTV), Crônica del-Rei D. Diniz (15CDD), Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (15CDA), Castelo Perigoso (15CP), Do Dia do Juízo (15DZ), História de nobre Vespasiano (15HNV); O Livro de Naturas (15LN)</p>
<p>Século XVI 1501-1550: Regra de São Bento (16OSB); Documentos do Mosteiro de Chelas (16MC); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (16CAH); Regra e Estatutos da Ordem de Santiago (16OST); Ordenações da Índia (16OI); Cartas, D. João III (16CDJ); Teatro, Antônio Ferreira (16TAF); Teatro, Antônio Ribeiro Chiado (16TC); Livro das constituições e costumes (16LCC); Gramática, João de Barros (16GJB); Diálogo da Viciosa Vergonha (16DVV); Da Pintura antiga (16DPA) 1551-1600: História da antiguidade da cidade de Évora (16HCE); Arte da guerra do mar (16AGM); Teatro, Francisco Sá de Miranda (16TSM); Peregrinação (16P); Teatro, Gil Vicente (16TGV); Comédia Ulysippo (16CO); Colóquios dos simples e drogas (16CSD); Leys e provisões (16LP); Regra Geral, Gonçalo Fernandez (16RGF); Décadas (16D); História da Província de Santa Cruz (16HSC); Regras da Companhia de Iefv (16RCJ); Arte de Grammatica da lingua (16AGL)</p>
<p>Século XVII 1601-1650: Trattados das Festas e Vidas dos Santos (17TFV); Vida de Frei Bartolameu dos Mártires (17VFB); Arte da lingua Brasília (17ALB); Discursos vários políticos (17DP); Jornada dos Vassalos da Coroa (17JVC); Advertências Efpirituaes (17AE); Da Monarchia Lusitana (17ML); Avto das Padeyras (17AP);</p>

Gazeta (17G); Chronica Dom Joam I (17CRJ); Chronica da Companhia de Iesv (17CCJ); Corte na Aldea (17CNA)

1651-1700: Cartas do Padre Antonio Vieira (17CPV); A Arte de Furtar (17AF); Relaçam diária do sitio (17RDS); Compendio de muitos e variados remédios (17CR); Vida do venerável Padre Ioseph de Anchieta (17VVP); Diálogos de varia história (17DVH); O Fidalgo aprendiz (17OFA); Nova Lusitânia (17NL); Maria Rosa Mystica (17MRM), Palavra de Deos empenhada (17PDE); Serman da quarta sefta feira da Quaresma (17SQ); Cartas, José Brochado (17CJB); Xavier dormindo Xavier acordado (17XDA)

Século XVIII

1701-1750: Katecismo indico (18KI); Por rumos na agulha (18PRA); Cultvra e Opvlência do Brazil (18COB); Apologia a favor de Padre Antonio Vieira (18APP); Auto novo e curioso forneira de Aljubarrota (18AN); Supplemento ao Vocabulário Portuguez (18SVP); Obras de Alexandre Gusmão (18OAG); Cartas de Aldeamento de índios (18CAI); História da América Portuguesa (18HAP); Folhetos de ambas Lisboas (18FAL); Successo lamentavel da destruição do Porto e seus suburbios (18SDP); Desengano de allucinados (18DA); Theatro comico Portuguez (18TCP); Voz sagrada, politica, rhetorica e metrica (18VS)

1751-1800: Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos moraes (18RSV); Obras de Claudio Manoel da Costa (18CMC); Collecçam dos principaes sermoens de Vieira (18CPS); Diálogo do vício do jogo (18DVJ); Málaca conquistada (18MC); Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo (18DCS); Cartas, Pina Manique (18CPM); Nova Palestra (18NP); Tragédia do Marquez de Montua (18TMM); Cuidados para o aceio da boca (18CAB); Helminthologia portugueza (18HP); Systema ou collecção dos regimentos reaes (18SCR); Descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas (18DGQ); Mulheres da América Portuguesa (18MAP)

Século XIX

1801-1850: Cartas brasileiras: cultos (19CB); Os jardins ou a arte de aformosear (10OJ); Ensaio sobre perigos das sepulturas (19EPS); Sangue limpo (19SL); E o preços eram commodos (19AJB); Perigos do ananismo (18PA); Cartas de leitores de jornais (19CL); Compêndio de arithmética (19CA); Cozinheiro imperial (19OCI); O cavalleiro teutonico (19CT); Lições de boa moral de virtude (19LBM); Tratado descriptivo do Brazil (19TDB); Mulheres da América Portuguesa (19MAP)

1851-1900: O Instituto dos meninos cegos de Paris (19IMC); História e descripção da febre amarella epidemica (19DFA); Zaira Americana (19ZA); Romances e novellas (19RN); Phisiologia das paixões e affecções (19FPA); Luxo e vaidade (19LV); Notícias para a história e a geografia das nações ultramarinas (19NHG); Cozinheiro nacional (19OCN); Feira dos anexins (19FAX); Os Voluntários da Pátria (19VP); Novellas do Minho (19NM); Do princípio e origem dos índios do Brazil (19POI); Cartas para Cícero Martins (19CCM)

Séculos XX/XXI

1901-1950: Cartas sem moral (20CSM); Correspondência passiva de Washington Luiz (20CWL); Dom João VI no Brazil (20DJ); A Silveirinha (20AS); Cartas Particulares (20CP); Arlequin (20RA); A arte culinária da Bahia (20ACB); O Livro das Noivas (20LN); Compêndio narrativo do peregrino da América (20CNP); O café na história (20OCH); História dos feitos no Brasil (20HFB); Cartas de leitores de jornais (20CLJ); Capitães da areia (20CA)

1951-2012: História das bandeiras paulistas (20HBP); Cangaceiros e fanáticos (20CF); Contos populares e lendas (20CPL); Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã (20AJ); Auto da Compadecida (20AC); O cão siamês (20CS); O caso Morel (20OCM); Textos jornalísticos do NILC (20-2/NILC); Revista da Faculdade de Direito (20RFD); A vida como ela é (20AVE); Língua portuguesa falada na cidade de São Paulo (21LPF); Zuzu Angel (21ZA)